



A Verdade

REVISTA MAÇÔNICA

A SAGA DOS HEBREUS

O INÍCIO DO MONOTEÍSMO,
A PROMESSA SAGRADA
E O EXÍLIO NA BABILÔNIA



A SAGA DOS HEBREUS

O INÍCIO DO MONOTEÍSMO,
A PROMESSA SAGRADA
E O EXÍLIO NA BABILÔNIA

Irmão Marcelo Plens

Loja 2 de Julho, 586 - Oriente de Dracena



Os objetivos deste trabalho são: **esclarecer, informar e facilitar o entendimento** dos Ilr.: acerca da formação e da constituição do monoteísmo judaico, com fundamento na Promessa Sagrada. Para isso, o estudo apresenta alguns fatos históricos e simbólicos importantes que influenciaram o exílio dos hebreus na Babilônia (após a destruição do Templo de Salomão por Nabucodonosor II em 607 a.C.)^{*}.

O trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisas dirigidas e não pretende ser único em sua amplitude – nem tampouco uma verdade única, tendo em vista que a história antiga é repleta de simbolismos, interpretações e versões, limitando, até certo ponto, a organização e o entendimento dos fatos.

***Nota do Conselho Editorial:**

As diferentes traduções da Bíblia e especialistas no assunto apresentam divergências em relação à queda de Jerusalém e à destruição do Templo de Salomão. Na tradução feita pelo Padre Marcos Soares, chega-se à conclusão que esse fato ocorreu entre 590 e 589 a.C. Já a Bíblia de Jerusalém (Edições Paulinas), na nota a II Reis 25,8, diz que se trata do ano de 587 a.C., assim como John Bright, em *História de Israel* (São Paulo: Paulinas, 1975).

A formação dos reinos de Israel e Judá, a invasão de Nabucodonosor e o início do exílio na Babilônia

A história de Israel e de seu povo tem sido constantemente estudada e pesquisada, desde Flávio Josefo (historiador judeu do século 1º d.C.) até os historiadores mais recentes, provocando uma série de discussões e debates acalorados.

Percebe-se que é inevitável contá-la ou apresentá-la sem uma conotação específica de um povo que luta (desde suas origens), permanentemente, por sua sobrevivência e por seu estabelecimento em um local sagrado – prometido por Deus.

Trata-se de um povo que carrega sobre si, em toda a sua trajetória histórica, a esperança e o peso de uma promessa feita por Deus ao patriarca Abrão (Lopes, 2007).

Durante o governo de Roboão (filho do Rei Salomão – I Reis 11:43), o **Reino de Israel** foi dividido em dois: **Israel**, ao norte, tendo como cidade principal Samaria (reino formado por 10 das 12 tribos) e ao sul **Judá**, tendo Jerusalém como centro político e religioso (formado pelas tribos de Judá e Simeão) e, também a guarda do Templo de Salomão.

Após a divisão, a região passa a sofrer constantes investidas armadas dos reinos do Egito, da Assíria e da Babilônia, os quais, ao efetuarem a dominação, passavam a tributá-la excessivamente, explorando por meio da escravidão o seu povo.

No século 8º a.C. as 10 tribos do norte (Israel) foram totalmente tomadas pelos assírios e o reino do sul (Judá) sofreu com os egípcios (no século 7º a.C.), e, posteriormente, com os babilônios (no século 6º a.C.).

Em razão da excessiva tributação e exploração, em 607 a.C.,

os israelitas se rebelaram contra o rei da Babilônia², Nabucodonosor II³, e este, como punição, ordenou que seus exércitos destruíssem não só a cidade de Jerusalém como também o que os hebreus⁴ tinham de mais valioso: o **Templo de Jerusalém** (ou Templo de Salomão), cuja construção havia sido iniciada por Davi e concluída pelo seu filho Salomão.

Após devastar a cidade e destruir o Templo, Nabucodonosor ordena que o rei de Israel presencie a execução de todos os seus filhos – foi o extermínio de toda a Linhagem Real (apresentada no Livro dos Reis). Além disso, Nabucodonosor deporta os judeus para a Babilônia, iniciando a Diáspora Judaica.

De acordo com uma versão mais simbólica e alegórica, a explicação para o início da derrocada hebraica e a conseqüente destruição do Templo foi o tórrido romance vivido pelo Rei Salomão com a Rainha de Sabá (durante o período final da construção do Templo), que culminou com a quebra da Promessa Sagrada.

O Rei Salomão começou a construir o Templo no quarto ano de seu reinado seguindo o plano arquitetônico transmitido por Davi



Salomão



Após 70 anos de exílio na Babilônia, a reconstrução do Templo foi permitida graças ao imperador persa Ciro I, que concordou com o retorno dos hebreus para seu território, e também à liderança empreendida por Zorobabel (mencionado nos Evangelhos como filho de Sehaltiel, neto do rei Jeoaquim, da descendência de Davi).

Segundo Lopes (2007): "Tudo isso é contado poeticamente pela Bíblia, porém podemos supor que as tomadas das cidades na Antigüidade vão além do que entendemos como trágico, sobretudo para um povo com os sentimentos de religiosidade que possuía. Essa terra, que agora eles perdiam, havia sido conquistada com muitas lutas, muitas guerras, muito sangue, além de ser um presente de Deus, uma promessa feita aos pa-

triarcas. O Templo representava a materialização do recurso dado por Deus para a remissão dos pecados do povo. Somente ali, segundo a lei judaica, os sacrifícios de animais poderiam ser aceitos para trazer perdão a todos e estabelecer o contato com a vontade divina; não podia haver outro lugar. Cada lugar da região tinha um significado, uma História e um nome que representavam a confirmação do pacto feito entre Deus e seu povo escolhido".

Ainda segundo Lopes (2007): "Os soldados inimigos entravam, derrubavam e queimavam tudo, invadindo os locais sagrados que somente o sumo sacerdote, uma vez no ano e com o sangue do sacrifício, podia entrar. As brasas do altar eram apagadas, as cortinas do Templo, rasgadas. Os famintos

moradores da cidade, que não eram mortos à espada, tinham suas barbas e cabelos cortados, como para servirem de escárnio diante dos inimigos. Cadáveres amontoavam-se pelas ruas, a nobreza era feita prisioneira seguindo a pé para uma terra desconhecida, impura (segundo a lei), com crenças e deuses diferentes: miséria, vergonha, dor, humilhação. Com a cidade cercada ninguém entrava nem saía, o que gerava vários problemas: cessava o abastecimento de produtos provenientes da agricultura e das trocas, aparecia a fome e a escassez de água. O lixo deixava de ser tirado das cidades, o que fazia com que houvesse a proliferação de diversas doenças; pestes que por si só causavam inúmeras baixas".

Durante a jornada de quase mil quilômetros para o exílio, os hebreus passaram a vislumbrar um futuro sombrio, e, quase sem esperanças, pois as tribos israelitas do norte também haviam sido deportadas e desapareceram permanentemente da história – a viagem foi registrada em um poema do livro dos Salmos⁵.

Durante o exílio, os hebreus tiveram a permissão para viver em colônias e, assim, conseguiram manter sua identidade religiosa, étnica e cultural. Apesar das dificuldades e dos obstáculos, eles resolveram lutar pela sobrevivência de seu povo e de sua história, a qual essa luta não foi feita com sangue e espadas, mas sim pela fé.

Ato I (o início) – Abrão e Moisés: a promessa sagrada e o início do monoteísmo

Os escribas⁶ hebreus consideravam o registro histórico dos fatos não só como algo sagrado, mas também como um marco para que seus descendentes pudessem compreender o que significava e motivava o exílio, lembrando-os que, no futuro, o povo hebreu ainda poderia regressar para Jerusalém (sua terra de direito) e retomar as suas origens.

Em todos os seus momentos livres os escribas registravam o passado através dos tempos, cujas narrativas, repletas de simbolismos, acabaram se constituindo no relato mais influente da história da humanidade: a **Bíblia Sagrada**. "Foi o primeiro registro humano em várias gerações" (Friedman, 1997). Os apontamentos serviam como um guia para os exilados. "Não era um relato histórico literal, mas sim a apresentação simbólica de como os hebreus interpretavam os fatos e os relatavam às gerações futuras", expõe o arqueólogo William Dever⁸ (2003). A Bíblia não precisava ser uma verdade literal para ser verdadeira em outros sentidos.

As histórias contavam que o pai de todos os judeus era **Abrão** (originário do hebraico: **אַבְרָם**, Avraham ou 'Abhrâhâm, significando pai da multidão e/ou pai elevado. Também denominado Abraão⁹). Ele nasceu na cidade de Ur¹⁰, na Mesopotâmia e, segundo o Livro Judeu de Tradições e Leis, nesta região os habitantes veneravam o céu e cada cidade reverenciava um corpo celeste diferente (politéistas).

O pai de Abrão, Taré, fabricava e vendia ídolos na cidade de Ur, mas Abrão não aceitava o conceito de religião de seu pai (também politeísta). Abrão foi o primeiro a perceber a existência de um só Deus no universo – que Deus criou os céus e a terra, e não o inverso (como observação histórica importante: muito antes de Abrão e Moisés existiu o faraó Akhenaton, no Egito Antigo, pai de Tutankhamon, que postulava a existência de um único Deus).

Segundo relatos históricos, assim que Abrão começou a divulgar sua crença em um único Ser Superior, ele teve uma visão sagrada e o próprio Deus, que lhe confiou uma missão: Abrão deveria deixar seus familiares para ser abençoado e governar todos os povos. "Certo dia, o Senhor disse a Abrão: sai da tua terra, e da tua parentela, e da casa

de teu pai, e vem para a terra que eu te mostrar. E eu farei de ti um grande povo, e te abençoarei, e engrandecerei o teu nome, e serás bendito. Abençoarei os que te abençoarem, e amaldiçoarei os que te amaldiçoarem; e em ti serão benditas todas as nações da Terra". (Genesis 12,1-3)

Inicia-se, então, para o futuro patriarca, uma longa jornada de peregrinação. "A tenda que havia plantado na véspera, ele a dobrava no dia seguinte, como um exilado que não tem domicílio permanente, e procura sua pátria."¹¹ (Santos: 2006).

A história conta ainda que o próprio Deus conduziu Abrão até uma terra perto do Egito, chamada Canaã. Lá, Ele colocou-o à prova: pediu que Abrão, como prova de fé, sacrificasse o seu filho único, Isaac. Abrão seguiu todas as determinações e no momento da execução um anjo do Senhor o impediu e assegurou-o de que Deus estava feliz e satisfeito com sua fé.

Sob o ponto de vista bíblico, Canaã¹² passou a simbolizar a terra entregue por Deus aos hebreus, a Terra Prometida.

Abrão era uma figura mítica, não importando sua existência ou não, mas sim sua representatividade para os hebreus: **ele representa o fim da idolatria e o início do culto monoteísta** (a adoração e servidão a um único Deus).

O resultado desse conceito monoteísta é a crença de que somos todos irmãos, bem-vindos na mesma Tenda.

No imaginário judaico Abrão é o hospitaleiro, o acolhedor. A relação de Abrão com Deus foi tão significativa para a história que ele se tornou uma das figuras mais importantes para a criação do islamismo e do cristianismo, além, é claro, do judaísmo.

Abrão não foi o único a exercer papel importante na história dos israelitas. Moisés também foi determinante, conforme relataram os escribas, já que o profeta participou de um dos momentos mais representativos e importantes da fé judaica: o momento em que Deus lhe passou seus preceitos por meio da Tábua dos Dez Mandamentos.

Moisés, profeta israelita da Bíblia Hebraica (conhecida entre os cristãos como Antigo Testamento),





Os Dez Mandamentos passaram a resumir a essência da mensagem judaica

originário da Tribo de Levi, que, segundo a tradição judaica e cristã, foi o autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento (Pentateuco).

Moisés foi adotado pela filha de um faraó (não identificado) e educado na corte como um príncipe do Egito. Aos 40 anos, após ter assassinado um feitor egípcio foi obrigado a fugir em exílio (caso contrário, seria condenado à morte). Fixa-se, então, na região montanhosa de Midiã – situada a leste do Golfo de Ácaba.

A Bíblia relata que, após a condução dos hebreus durante o Êxodo, Deus entregou a Moisés a **Tábua dos Dez Mandamentos** em seu único encontro, frente a frente, com um ser humano no **Monte Sinai**, lhe comunicando que Ele era o único Deus, Javé, e que foi Ele quem permitiu e conduziu os

hebreus durante a fuga do Egito (Êxodo).

A Tábua dos Dez Mandamentos foi guardada na **Arca da Aliança** – mencionada no livro do Êxodo. Sua construção foi orientada por Moisés, que, por sua vez, recebera instruções divinas quanto à forma e tamanho do objeto. Na Arca estavam armazenadas as duas Tábuas da Lei, a Vara de Aarão e um Vaso do Maná. Estas três coisas representavam a aliança do Deus Javé com o povo de Israel. Para judeus e cristãos a Arca não era só uma representação, mas era a própria presença de Deus.

A grande revolução proposta pelos **Dez Mandamentos** baseava-se no fato de que, para “Esse Deus Único”, não era importante como os humanos se relacionavam com a divindade (como acontecia nos rituais pagãos), mas sim, como

se relacionavam entre si (honrar a Deus quando tratar bem seu semelhante). Os Dez Mandamentos passaram a resumir a essência da mensagem judaica.

De acordo com os escribas (agora, expatriados após o domínio babilônico), o evento do **Monte Sinai** representava o cerne da causa do exílio, pois os hebreus haviam perdido a proteção de Deus – o exílio representava rompimento do pacto firmado entre Deus, Abrão e, posteriormente, Moisés (como afirma Friedman: “*Seria como se hoje em dia se dissesse doravante, nesta aliança Deus é designado outorgante e Israel designada outorgada. O outorgante tirou a outorgada do Egito, da servidão e a outorgada não terá outros deuses...*”). Dali para frente, todos os eventos envolvendo o povo judeu passariam a ser “julgados” conforme o cumprimento do pacto.

Após a morte de Moisés os israelitas conseguiram, finalmente, invadir a Terra de Canaã e, após várias batalhas, expulsaram os cananeus da região. A conquista de Canaã também foi vital para a fé judaica.

Com a conquista da Terra Prometida os hebreus deixaram de ser um povo nômade para se tornarem “um povo com uma terra” – terra esta dada pelo próprio Deus. Vale ressaltar, como observação, que os registros históricos demonstram que os israelitas nunca expulsaram os cananeus (apenas representam os aspectos simbólicos relatados pelos escribas).

Na verdade, segundo relatos arqueólogos (foram encontradas cerâmicas feitas no final da Era do Bronze Cananéia idênticas às feitas pelos hebreus), estima-se que eles (os israelitas) eram cananeus, pois passagens mais antigas da Bíblia Hebraica descrevem a religião israelita como muito parecida com a dos cananeus.

Registros históricos demonstram também que os israelitas ocupavam camadas inferiores da so-

cidade cananéia, tais como escravos, pastores e nômades, os quais iniciaram uma vida nova na parte montanhosa de Canaã – eles se diferenciaram e formaram um povo não por meio de batalhas, mas pela fé e pelas suas memórias.

Dessa forma, os israelitas acabaram por forjar sua identidade. Seus relatos eram ideais para criar e guiar uma nova sociedade, com uma riqueza impressionante de detalhes sobre regras de convivência entre os seres humanos. Após tornarem-se “um povo, uma nação” os hebreus continuaram explorando histórias e simbolismos que abordavam o bem e o mal e ensinaram lições sobre a relação entre Deus e o povo de Israel.

A história do **Rei Davi** é um exemplo que ilustra perfeitamente a relação humana, expondo suas forças e fraquezas e conduzindo um povo ao exílio (pela quebra do pacto sagrado).

Ato II - Rei Davi: traição, quebra de promessa sagrada e as expectativas para o exílio

Segundo Kirsh (2006), a vida de Davi é “uma história realista, ambígua, conflituosa, que aborda, antes de tudo, as virtudes e os defeitos de um ser humano. Não se trata apenas da história de um herói, de um guerreiro, de um líder, mas da relação conturbada de um homem imperfeito”.

Naquela época, o rei de Israel era Saul que se encontrava atormentado emocionalmente e que, segundo as tradições hebraicas, tal comportamento enfurecia a Deus.

Davi era apenas um garoto pastor quando Deus falou ao profeta Samuel, comunicando-lhe que deveria dirigir-se à casa de Izai (Jessé) à procura de um futuro rei judeu. Deus orientou Samuel a rejeitar cada um dos sete filhos de Izai e Nahash e escolher o oitavo, chamado de Davi³ – o mais novo do clã.

Saul (por indicação de Samuel) acolheu Davi em seu palácio para

que o menino tocasse harpa e acalmasse seu espírito. Desta forma, em pouco tempo Davi tornou-se uma espécie de filho para Saul e, até que um dia, chega ao palácio a notícia de que o grande guerreiro dos filisteus, Golias⁴, desafiava os israelitas a enviarem alguém para enfrentá-lo.

Por causa do temor de Golias, nenhum israelita se atreveu a aceitar o desafio, exceto Davi. De acordo com os relatos produzidos pelos escribas (relatos repletos de elementos alegóricos), Davi vence Golias.

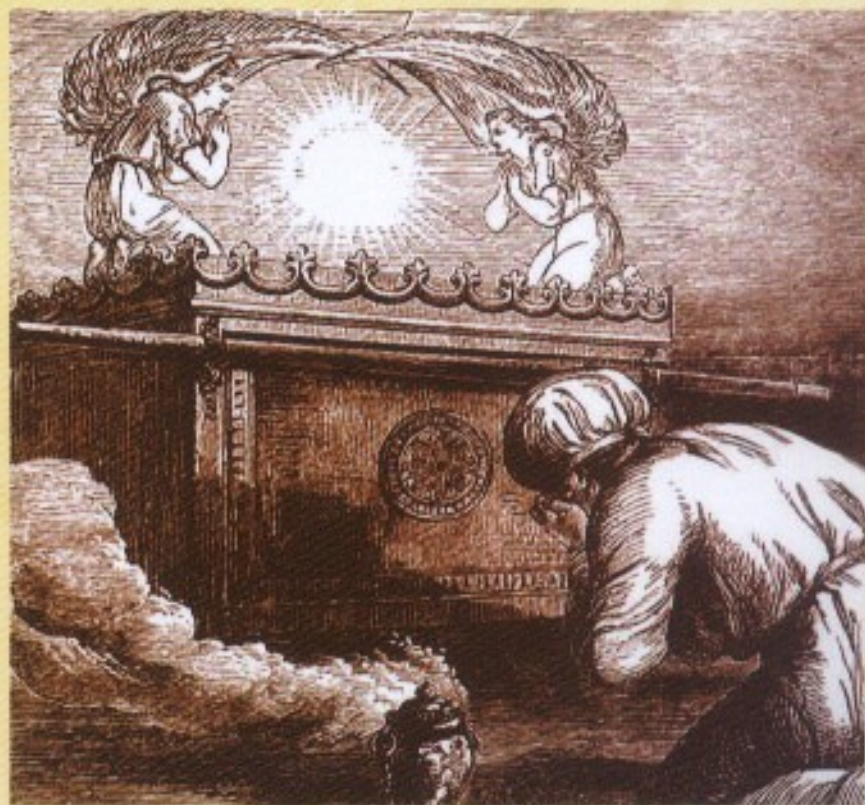
Simbolicamente, a vitória representou muito mais que uma simples luta, mas uma superação da fé – algo muito mais importante que a força física. A fama e a admiração por Davi espalharam-se por todo o reino de Israel, despertando o ciúme e a inveja por parte do rei Saul – o qual tentou, por várias vezes, matá-lo.

Ciente do perigo, Davi foge do palácio, tornando-se um renegado (apesar de admirado), permanentemente “caçado” por Saul.

Certa noite, Davi descobre a aproximação do rei e de seu exército. Estrategicamente, seus companheiros visualizam a oportunidade de matar Saul e de Davi tornar-se o novo rei dos judeus. Em vez de aniquilá-lo, Davi apenas crava sua espada ao lado da cabeça do rei e toma para si a jarra de água e a lança de Saul.

Com a lança do rei em suas mãos, Davi faz um grande discurso eloquente para o rei e para seu exército, afirmando que não possuía más intenções contra ele. Tempos depois, Saul morre em um conflito com os filisteus, Davi casa-se com sua filha e finalmente é coroado rei – concretizando a profecia de Samuel.

Davi nunca foi um líder carismático nem tampouco religioso, ele governava apenas por suas paixões e ambições (principalmente pelas mulheres) e, em uma dessas aventuras amorosas, se envolveu com uma jovem moça chamada Betsabé (na época ambos eram casados). A relação produziu uma gravidez indesejada e uma tentativa



frustrada de assassinato ao marido de Betsabé (organizada por Davi).

A partir desse fato, que contrariava as Leis Divinas e, conseqüentemente, a Promessa Sagrada, o reinado de Davi começou a ruir.

Pouco tempo depois Davi se casa com Betsabé e confirma o pecado sagrado. Deus anuncia que o rei dos judeus será punido e a sua casa nunca estará livre da espada (representando o início da causa do exílio).

A traição de Davi simbolizou não só o erro do rei, mas de todo o povo de Israel. Todos iriam pagar pelos erros cometidos pelo seu líder.

O grande feito histórico de Davi está relacionado ao início do empreendimento voltado à construção do Grande Templo de Jerusalém, a moradia do Deus Javé e o abrigo da Arca da Aliança. Ela seria definitivamente guardada, em vez de permanecer na tenda provisória ou tabernáculo, existente desde os dias de Moisés.

No entanto, isso só seria permitido ao seu filho Salomão, cujo nome significa "paz", enfatizando a vontade divina de que a Casa de Deus fosse edificada em paz, por um homem pacífico e que seguisse os seus preceitos.

O Rei Salomão começou a construir o Templo no quarto ano de seu reinado seguindo o plano arquitetônico transmitido por Davi e durou sete anos. Após a construção do magnífico templo, a Arca da Aliança foi depositada no Santo dos Santos, a sala mais reservada do edifício.

Ato III (De volta ao começo): Josias, Jeremias, Nabucodonosor II e a confirmação do exílio

Conforme relato anterior, a Bíblia informa e os registros arqueológicos confirmam que em 720 a.C. os assírios conquistaram as 10 Tribos de Israel do norte e exilaram seus habitantes no ponto mais remoto do império – eles se misturaram com as tribos locais e sua

história se perdeu para sempre.

Pouco tempo depois os assírios começaram a ameaçar também a tribo de Judá, ao sul.

Em 640 a.C., vários anos após as mortes de Davi e Salomão, a Tribo de Judá era governada pelo rei Josias¹³ (descendente direto de Davi e também de Salomão), que comandava tranqüilamente seu povo e apenas temia a ameaça dos assírios, dos egípcios e dos babilônios, pouco se importando com o que estava acontecendo com Jerusalém e seu rei. Judá também pouco sabia acerca da aliança dos hebreus com o Deus Único. Na verdade, segundo relatos arqueológicos, Judá adorava a deusa Asserá (deusa mãe), acreditando se tratar da esposa do Deus de Israel.

Temendo pelas invasões, Josias e os sacerdotes do Templo de Jerusalém decidiram que ambas as tribos deveriam ter um único Deus Todo Poderoso, o qual iria protegê-los dos invasores – isso representava uma espécie de aliança

NOTAS

¹ Nação formada pelas 12 Tribos de Israel – de um povo descendente de Jacó, Isaac e Abraão.

² Babilônia ou Babilônia se refere à capital da antiga Suméria e Acádia, na Mesopotâmia. No moderno Iraque, localiza-se a aproximadamente 80 km ao sul de Bagdá. O nome (Babil ou Babilu em babilônico) significa "Porta de Deus", mas os judeus afirmam que vem do grego Babel, que significa "confusão". Essa palavra semítica é uma tradução do sumério Kadmirra – <http://pt.wikipedia.org/wiki/Babil%C3%B4nia>.

³ Nabucodonosor II (em acadiano Nabu-cuduri-ussur), (632 a.C. - 562 a.C.), imperador da Babilônia em 586 a.C.

⁴ Posteriormente denominados israelitas.

⁵ Os salmos são poemas de louvor, inicialmente transmitidos através da tradição oral e cuja fixação por escrito teve lugar sobretudo através do movimento de recolha das tradições israelitas, iniciado no exílio babilônico pelo profeta Ezequiel (séculos VII-VI a.C.).

⁶ Pessoas que dominavam a escrita.

⁷ A palavra grega Bíblia, em plural, deriva do grego bíblion ou biblion (βιβλίον) que significa "rolo" ou "livro". Biblion, no caso nominativo plural, assume a forma bíblia, significando "livros". No latim medieval, bíblia é usado como uma palavra singular – uma coleção de livros ou "a Bíblia". Estima-se que a Bíblia tenha sido escrita entre 300 e 600 a.C.

⁸ Arqueólogo americano especialista em História de Israel. Foi diretor do Harvard Semitic Museum-Hebrew Union College.

⁹ "E Deus falou mais uma vez a Abrão, quando este tinha 99 anos: Anda em minha presença e sê perfeito. E eu farei minha aliança entre Mim e ti, e multiplicar-te-ei extraordinariamente... Tu serás pai de muitas gentes. E não mais serás chamado com o nome de Abrão, mas chamar-te-ás Abraão, porque te destinei para pai de muitas gentes. Eu te farei crescer (na tua posteridade) extraordinariamente, e far-te-ei chefe das nações, e de ti sairão reis. ... Darei a ti e à tua posteridade a terra da tua peregrinação, toda a terra de Canaã, em posseção eterna, e serei o teu Deus" (Id. 17, 1-8).

¹⁰ Ur foi uma cidade da Mesopotâmia localizada a cerca de 160 quilômetros da grande Babilônia, junto ao Rio Eufrates. O maior representante de lideranças em Ur tinha o nome de Ur Nammu, que ficou conhecido por ter criado o primeiro código de leis de que se tem notícias; seu código vigorou por 300 anos, quando então foi substituído por aquele que é considerado como o pai de todos os códigos: o código de Hamurabi (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Ur>).

¹¹ Leva-se dezenas e dezenas de anos até os descendentes de Abraão conquistarem esta terra. Canaã passa a ser denominada de Terra de Israel.

¹² Canaã também é o nome de um personagem bíblico, filho de Can, neto de Noé, ao qual se atribui a origem dos cananeus.

Canaã é um termo antigo para designar a região que corresponde ao atual Estado de Israel, incluindo a Cisjordânia, a Jordânia ocidental, o sul da Síria e o sul do Líbano.

¹³ David ou Davi (dāwīd significando literalmente "querido", "amado", em hebraico padrão Dávid, em hebraico tiberiano Dāwi; Árabe Iḍrāʿil).

¹⁴ Golias (em hebraico, גִּיאָתִישׁ) – chamado de O Campeão Filisteu. Golias era um homem com uma estatura fora do normal. Oriundo de Gate uma das cinco cidades principais da Filisteia. A Filisteia, ou Filístia, era um conjunto confederativo de reinos com grande poder e tradição naval, neste tempo, formado por cinco cidades capitais, governadas cada uma pelo seu rei, funcionando num governo comunitário (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Golias>).

¹⁵ Josias foi filho do rei Amom com sua esposa Jedida. Josias descende da linhagem real de Judá, iniciada com o Rei Davi.

¹⁶ Deuteronômio é o quinto livro da Bíblia. Faz parte do Pentateuco, os cinco primeiros livros bíblicos, cuja autoria é, tradicionalmente, atribuída a Moisés. É um dos livros do Antigo Testamento da Bíblia e possui 34 capítulos. Contém os discursos de Moisés ao povo durante seu êxodo do Egito à Terra Prometida por Deus. O nome é de origem grega e quer dizer segunda lei ou repetição da lei (Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Deuteron%C3%B4mio>).

¹⁷ Jeremias (do hebraico יְרֵמְיָהוּ Yirmiyahu ou Yermeyahu Yah exalta)

estratégica com Deus. E para consolidar o pacto, em 622 a.C. é anunciada a descoberta de um livro no interior do Templo de Jerusalém chamado Deuteronômio (arqueólogos acreditam que, na verdade, o livro foi escrito naquela época e "plantado" dentro do templo para motivar a reforma religiosa). O livro (Deuteronômio¹⁶) proibia o culto a Asserá e dizia que o Deus Javé só poderia ser venerado no Templo em Jerusalém.

Assim, ratificado o pacto, Josias destrói todos os templos de sacrifício, extermina os sacerdotes e adota um único Deus – Javé.

Esses atos representaram uma das maiores revoluções sagradas, pois a partir desse período não era mais permitido o sacrifício de animais e, paulatinamente, o monoteísmo foi sendo adotado em Judá. O Deuteronômio estava fundamentado nos ensinamentos de Abrão, Moisés e nos Dez Mandamentos, e o primeiro profeta a adotá-lo foi Jeremias¹⁷ – passando a divulgá-lo intensamente para o povo de Judá.

Com a unificação gerada pelo Deuteronômio o rei Josias acreditava ter feito uma aliança sagrada com Deus e, assim, conseguido a proteção divina para seu povo contra as ameaças externas.

Em 609 a.C. Josias se precipita e ataca a aliança formada por Egito e Assíria (na época a sua grande ameaça) e, por causa do erro estratégico, acaba sendo completamente aniquilado – inclusive o próprio Josias. Os reis que o sucederam restabeleceram o culto a Asserá e aos outros deuses antigos (nova quebra da promessa sagrada).

O profeta Jeremias comunica ao povo de Judá que havia recebido uma mensagem de Deus repelindo o abandono do povo e a quebra da aliança. Ainda segundo a profecia de Jeremias, Deus iria puni-los com o exílio.

Pouco tempo depois, em 607 a.C., a profecia de Jeremias se confirma e Nabucodonosor II (lí-



der dos babilônios) e seu exército marcham sobre Jerusalém, tomando-a, saqueando e destruindo seu Templo e levando o povo para o exílio (o início de todo o processo).

Com a queda de Jerusalém os escribas explicavam, assim, o porquê de os judeus estarem exilados naquele momento e, mesmo com os registros bíblicos produzidos, os hebreus pareciam destinados ao

desaparecimento – como qualquer outro povo expulso de sua terra natal.

Agora, exilados na Babilônia, os judeus, ao lerem a Bíblia, começavam a mudar a percepção que possuíam sobre seu povo, pois sua história representava a crença no poder da libertação – a crença e a convicção de que seu Deus conduzi-los-ia de volta para casa. ■

BIBLIOGRAFIA

- ALMEIDA, João Ferreira de. (Tradução) **Bíblia Sagrada**. Português; Ed. Corrigida e Revisada: fiel ao texto original. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1990.
- CORNFELD, Gaalyah. **Archaeology of the Bible**. London: Adam & Charles Black Ltda, 1977.
- COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga**. São Paulo: Rideel, 2005.
- DEVER, William G. **Who Were the Early Israelites and Where Did They Come From?** Boston: Eerdmans, 2003.
- DONNER, Herbert. **História de Israel e dos Povos Vizinhos**. v. 2. 3ª ed. São Paulo: Sinodal, 2004.
- FRIEDMAN, Richard E. **Who Wrote the Bible**. São Francisco: Harper San Francisco, 1997.
- JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus: Obra Completa**. São Paulo: CPAD, 2005.
- KELLER, Wener. **E a Bíblia Tinha Razão**. São Paulo: Melhoramentos, 2002.
- KIRSH, Jonathan. **King David**. São Francisco: Harper San Francisco, 2000.
- KLEIN, Ralph W. **Israel no Exílio: Uma interpretação teológica**. São Paulo: Paulus, 1990.
- LOPES, Fabiano L. B. **Judeus: Exílio babilônico**. Disponível em: <<http://www.milenio.com.br/ingo/ideias/hist/judeus.htm>> Acesso em 28/03/2007.
- MAZAR, Benjamin. **The Illustrated History of the Jews**. New York: Editorial Board, 1963.
- MESQUITA, Antonio N. **Povos e Nações do Mundo Antigo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Hagnos, 2001.
- SANTOS, José Maria dos. **O Patriarca Abraão: O chefe de muitas nações, pai de reis e aliado do Senhor**. Disponível em: <<http://www.lepanto.com.br/HagAbra.html>> Acesso em 13/03/2007.
- **SÉRIE CIVILIZAÇÕES PERDIDAS**. Título: Terra Santa. Rio de Janeiro: Abril Coleções, 1997.
- **SÉRIE ENIGMAS EM DVD**. Título: Moisés. São Paulo: Planeta DeAgostini, 2007.
- **WIKIPÉDIA**. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal> Acesso em 28/6/2007.